MANUEL REIS DE SANCHES FERREIRA

PROFESSOR DO CURSO DE ESTENOGRAFIA PARLAMENTAR

ESTENOGRAFIA

SISTEMA DE MARTI-FERREIRA

LISBOA — 1940

MANUEL REIS DE SANCHES FERREIRA

PROFESSOR DO CURSO DE ESTENOGRAFIA PARLAMENTAR

ESTENOGRAFIA

SISTEMA DE MARTI-FERREIRA

LISBOA — 1940

Composto e impresso na Imprensa LUCAS & C.ª
Rua do Diário de Notícias, 61 — L I S B O A

Um século já passou que a Taquigrafia começou a usar-se em Portugal.

Necessária ao liberalismo dos *vintistas*, e não tendo o sistema tailoriano de Pinto Rodrigues passado da teoria inserta na *Minerva Luzitana*, entrou aquela arte no Soberano Congresso Nacional por intermédio do espanhol Ângelo Marti, para tal generosamente contratado.

Prático consagrado no sistema de seu Pai, havendo, junto dêle, sido taquígrafo nas Côrtes de Cádiz, depararam-se-lhe, não obstante, dificuldades por trabalhar no nosso idioma e numa escrita não afeita ao mesmo, o que o levou, para o ensino, a publicar, em 1822, a primeira edição da sua *Tachygrafia*, que é uma tradução servil da obra de Paula Marti, a-pesar-de se dizer «accommodada á lingua portuguesa», asserção bem arrojada, em face dos princípios anos antes expendidos no douto parecer da Academia das Ciências de França, relativo ao tratado de Coulon de Thévenot.

Contudo, desculpam-se as deficiências da obra de Marti ; as suas funções de taquígrafo-mór e de professor, então, pouco tempo lhe davam para grandes e prolongados estudos teóricos, segundo bem o provam as suas representações e cartas publicadas, estas últimas reimpressas pelo autor dêste prefácio.

Foi, portanto, com essa publicação, repositório dos conhecidos signos alfabéticos e de dezasseis *terminações*, que nasceu o Sistema Taquigráfico Português ; e sem que o bacharel em Cânones, Joaquim Machado, taquígrafo do mesmo Congresso, e outros tratadistas conseguissem suplantá-lo, ele se foi aperfeiçoando à custa dos taquígrafos-parlamentares, únicos que durante muitos anos se exercitaram na arte.

Consistindo os melhoramentos na criação dos *começos*, representativos de prefixos, recurso, já, das próprias escritas correntes

antigas, e no aumento, em significado e número, das terminações, assim veio o sistema nesse «notável grau de perfeição que já pouco deixa a desejar», na ingénua frase de António Maria de Almeida, em opúsculo que imprimiu em 1874, até que a sua essência foi práticamente bastante alterada por La-Grange (Júnior), eminente taquígrafo que, de muito novo, raras faculdades revelou para tão difícil arte, em cujos segrêdos tinha sido iniciado pelo não menos notável técnico, Luz Fernandes, seu avô.

Escrita absolutamente martiniana, a sua, das clássicas regras, porém, se afastou, com o livre emprêgo da quasi totalidade dos denominados comêços e terminações, sob o nome genérico de *sons*, procedimento condenado outrora entre nós, e apodado de anárquico por tratadistas da escola *madrilena*.

Vão já decorridos perto de quarenta anos sôbre a viva discussão que se travou em volta dêste novo conceito no meio taquigráfico parlamentar, com reflexo nas revistas estrangeiras, especialmente quando o defendeu o distinto professor e abalizado profissional, Leopoldo de Carvalho, no seu *Tratado de Stenographia*, de 1904; mas esta doutrina vingou e para sempre se impôs.

De maneira que, com esta variante, o sistema português, na parte alfabética manteve-se inalterável, ao passo que na parte metagráfica — passe o têrmo francês — aumentou de sinalética e de significados, melhoramentos estes susceptiveis, ainda, de aperfeiçoamento.

Com efeito, bem antigas são as escritas taquigráficas, e muito que importem à Diplomática, pela sua dispersão através dos medievos pergaminhos, num segundo plano se colocaram em presença dos sistemas actuais, cuja orgânica marcante só foi possível, depois do desenvolvimento que tomaram as ciências que notabilizaram os nomes de Diez, Ascoli, Meyer-Lübke e tantos mais.

Na verdade, qualquer sistema de estenografia digno de tal designação, deriva de dois estudos: o *linguístico*, concernente ao fim em vista, e o *gráfico*, que se filia nas escolas geométrica ou cursiva, ambas com defensores e adversários, num doutrinarismo de tendências universalistas, à maneira de Krieg e outros, causa primária da falência de vários sistemas, mòrmente se pretenderam ir além de uma estenografia comercial, portanto de limitada aplicação, em que as deficiências técnicas se esbatem consideràvelmente.

Incidiu, por conseqüência, primeiramente, o respectivo estudo sôbre a língua, nos seus aspectos filológico, gramatical e, também, estatístico, para apuramento do que competia sinalizar. Houve, em seguida, o problema gráfico, e, entre as duas escolas mencionadas, absolutamente de acôrdo com o conceito linguístico de Franz Haeger, deu-se a primazia àquela em que se funda a doutrina martiniana, mas com todos os princípios formativos desta, por mais apropriados ao génio da nossa língua e seguidos no sistema dominante no País.

Isto pôsto, surgiu a fase construtiva e, com ela, as múltiplas dificuldades do cometimento, não alheias aos que conhecem os desaires de tantos tratadistas, as especulações de J. Martin, já longínquo, ou, modernamente, do engenheiro Garza, as reflexões do Dr. Thierry Mieg, e, sobretudo, os percalços sofridos em longo profissionalismo, de certas exigências de aplicação.

Assim, na representação literal, fácil seria alcançar-se impressionante simplicidade sinalética, juntas que fôssem tôdas as consoantes de sons aproximados, passo êste arriscado na nossa língua, para a tradução, como breve demonstraria a prática. Por isso, se adoptou um alfabeto, muito aquém das audácias de Caballero, da variante argentina ou da heterodoxia brasileira, e sempre obediente ao *equilíbrio caligráfico* — feliz expressão de Entrerrios — com a manutenção dos dois signos que, nesta parte, valorizam a obra de Marti.

Se algumas alterações sofreram as actuais consoantes, nenhumas, porém, se fizeram nas vogais ; as fórmulas conhecidas não justificam plenamente quaisquer modificações.

Quanto aos grupos consonânticos, em que a segunda consoante é uma líquida, acrescentou-se ao que existe, apenas outro grupo ; em face do critério seguido, óbices vários impedem de ir além.

Os grupos vocálicos, com diversas designações gramaticais, foram reünidos e representados como a prolixidade do assunto permitiu.

Abreviar as sílabas iniciais, constitue exigência das escritas velozes ; considerou-se o que está, um pouco aumentado e algum tanto diferentemente metodizado, mas de versão restrita e orgânica menos complexa que os princípios do erudito Entrerrios, de Serra y Aribau e de Prévost-Delaunay.

Com relação às antigas terminações, concorde com a orientação assente, porque outra não há melhor para o amplo poder desinêncial da língua portuguesa, houve o objectivo de aliviar signos com sobrecarga de significados, melhor associar fonemas, condicionar traçados com freqüências sónicas, procurar sinais apropriados para novos grupos literais, tudo feito sob o cuidado dum ponderado equilíbrio entre a escrita e a leitura.

Relativamente aos grupos abreviados sexto e sétimo, um tenta resolver certas particularidades vocabulares da maneira que melhor se afigurou, outro, simplesmente, dar denominação a normas estenográficas correntes.

Finalmente, há o capítulo das *abreviaturas*, no sentido que esta expressão tem na estenografia, e das quais sòmente algumas se mencionam para mero conhecimento do seu critério formativo, idêntico, no geral, ao da escrita vulgar.

Indicados os pontos capitais em que assenta o presente trabalho, é de notar que êle tôdo se submeteu ao pensamento de constituir três partes distintas mas, entre si, relacionadas, isto porque nem todos necessitam tirar da estenografia o máximo rendimento. Os que, por exemplo, a trabalham nos escritórios, de certo modo se desinteressam de a aprofundar, o que reservado estará sempre a bem poucos que profissionalmente conseguem distinguir-se, mercê duma aplicação absorvente, de grande cultura mental e das especiais faculdades referidas pelo próprio Marti, numa sua carta, digna dos elogios do ilustre publicista Silvestre Ribeiro. Demais, êsse mesmo propósito, já o teve, entre outros, o conhecido tratadista brasileiro Dr. Salomão de Vasconcelos.

E, ao terminar, declara-se que não tem êste trabalho pròpriamente uma finalidade pedagógica, pelo que lhe escasseia a exemplificação, antes o seu objectivo é mostrar a necessidade da confecção de um sistema estenográfico nacional, único no ensino, conforme a orientação já no estrangeiro afirmada.

S. F.

I — Compreende êste sistema estenográfico três partes: *elementar*, espécie de escrita abreviada; *complementar*, para médias velocidades; *superior*, para máximas velocidades.

I

PARTE ELEMENTAR

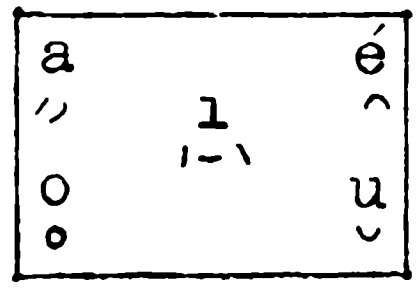
Signos monogrâmicos consonânticos [1]

II — São as consoantes representadas pelos seguintes doze signos rectos, curvos e mistos, de base idêntica aos do sistema martiniano:

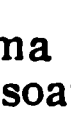
b, v		⌣	
ç, s, z	/		
d		(	
f			⊂
g, q, c	—		
j, g, x, ch		)	
l, lh			⌐
m		⌒	
n, nh			/
p	\		
r			⌐
t	|		

[1] Os signos são traçados no sentido natural da escrita, isto é, da esquerda para a direita, ou de cima para baixo, e alguns agrupam consoantes

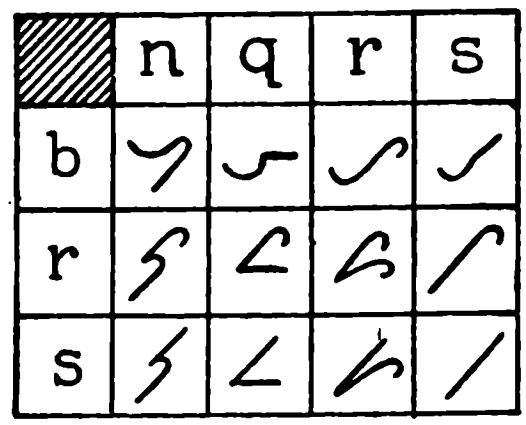
Signos monogrâmicos vocálicos[2]



III — Representam estes signos as vogais, mais pequenos dois terços que os das consoantes, Os signos *a* e *i*, têm mais de uma forma, à escolha.

IV — Na formação das palavras, não entram as vogais *é* e *i* (e) ; apenas se usam, isoladamente, a primeira, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo ser, e a segunda, na conjunção copulativa. Como excepção, o *i* escreve-se quando exprime a negativa : *ilegal,*  .

Enlaces de consoantes



V — As consoantes ligam-se no sentido do seu traçado, salvo os casos abaixo indicados.

VI — R, no meio e no fim dos sinais, é feito sempre de baixo para cima.

VII — S, no meio e no fim, escreve-se de baixo para cima. Mas, se antes e imediatamente há *r* ou *s* feitos de cima para baixo (iniciais de palavras), ou, ainda, *n*, então o signo *s*, faz-se com o prolongamento dêsses sinais.

VIII — R e S, também se escrevem de baixo para cima,

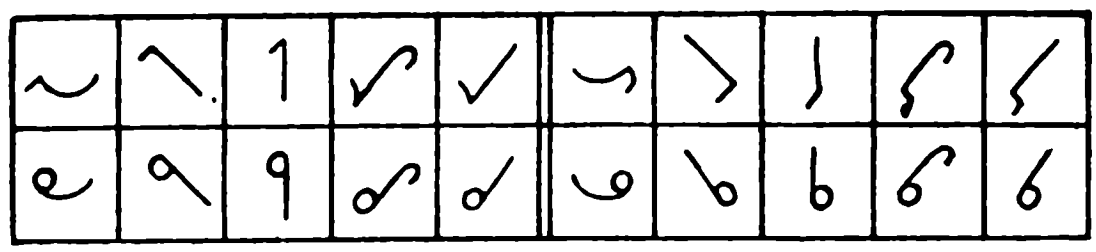
---

de sons aproximados, norma seguida na taquigrafia cuja escrita é caracterizadamente sónica e sem consoantes dobradas nem acentuação gráfica. No grupo *g, q, c,* exprime a letra *g* o som de *gue* e o *c* o som de *q*. Por esta nota, se compreenderão as restantes particularidades do quadro.

[2] Segundo o que antes se diz, não têm, pois, acentos, as vogais, e no *i* inclue-se o *e* de som semelhante.

quando, antes dêles, se desprezaram as vogais *e* e *i*, nas palavras que começam por qualquer delas : *írrito*, .

Enlaces de vogais com consoantes

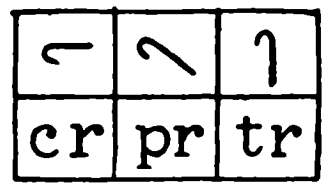


IX – A, no princípio das palavras e antes de *b*, *p* e *t*, escreve-se de baixo para cima : *aberto*, .

X — O, faz-se de maneira que facilite a união dos sinais, quere dizer, para qualquer lado. Só nos monossílabos *os* e *só*, a colocação é invariável, por causa da leitura.

Primeiro grupo de abreviações gráficas

Signos digrâmicos consonânticos



XI — Estes grupos literais são de posição indistinta. São, também, de usar quando, formando sílaba, haja entre as duas consoantes vogal que não se escreve (reg. IV) : *preto*, *perto*,[3] .

Obs. — Note-se que *a* inicial, antes de *cr*, pode, também, escrever-se de baixo para cima.

---

[3] No sistema vulgar, nos grupos existentes *pr* e *tr* incluem-se todas as vogais respectivamente significando *pra*, *pre*, *pri*, *pro*, *pru*, ou *par*, *per*, *pir*, *por*, *pur*, e o mesmo se dá com *tr*. Igual critério aqui se pode adoptar.

Segundo grupo de abreviações gráficas

Signos digrâmicos vocálicos

XII — Consoantes com duas vogais juntas, estas se exprimem por qualquer dos traços que representam o *i*: *rei* ; com três e quatro vogais, pelo signo *é*: *aceio* ; com sons nasais,[4] por um circulo bipartido: *põe* . Os grupos vocálicos isolados *eu*, *ia* e outros, escrevem-se com as respectivas vogais.

Terceiro grupo de abreviações gráficas

Formas verbais pronominais

XIII — Formas reflexas sem distinção de número e pessoa, são indicadas por um ou dois pequenos traços no último sinal: *fez-se* ; *ter-lhe-ia* .

*

XIV — Supressões literais: todas quantas não dificultem a leitura: *o(b)ter* .

XV — Vocábulos estrangeiros, nomes próprios e outros de difícil interpretação: escrevem-se, no geral, em letra corrente.

XVI — Algarismos: os que vulgarmente se empregam.

XVII — Pontuação: apenas o sinal de interrogação e uma recta a cortar a linha de escrita nos finais dos períodos.

---

[4] Quer de vogais nasais, quer de ditongos nasais.

II

PARTE COMPLEMENTAR

Quarto grupo de abreviações gráficas [5]

Signos poligrâmicos iniciais [6]

SÉRIE I

N.os	Sign.	Significações
1		in-s, en-s,[7] des, dis (ponto em cima e no princípio) com, cum, acom (ponto ao lado e no princípio)
2		tras, tres, tris, tran-s,[7] (ligado ao que segue)
3		sob, sub, sobre, super, supr-[9]
4		contr-[9]
5		cons, const

Signos poligrâmicos variáveis [10]

N.os	Sign.	Significações
1		aço, arso,[11]
2		aro
3		ado
4		avo, abo, alvo, albo

---

[5] Os signos constantes dêste quarto grupo, àparte o *ponto*, são feitos em tamanho maior, a-fim-de que, alguns dêles, se não confundam com certos signos literais.

[6] Empregados sòmente nos princípios das palavras, pelo que assim se denominam.

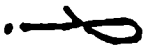
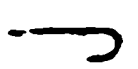
[7] Dizem os hífens que o mesmo signo se emprega para essas sílabas iniciais com ou sem *s* : *inquérito*, *inscrito*, *trânsito*, *transferência*, etc.

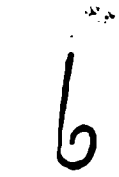
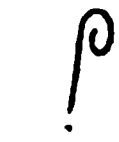
[8] Os pontos nos signos querem indicar por onde se começam a escrever.

[9] Aqui o hífen exprime que as vogais que nas palavras acompanham estes significados se desprezam.

[10] São variáveis porque em qualquer lugar se escrevem.

[11] Até ao 23.º sinal, não importam o número e o valôr das vogais que estejam antes ou depois das consoantes básicas, sendo portanto indiferentes o

N.os	Sign.	Significações
5		ando
6		arto, ardo
7		ato
8		alo, alho
9		anto
10		asto, asdo
11		amo, almo
12		armo, asmo
13		anço, ancho
14		afo, arfo, anfo, alfo, asfo

N.os	Sign.	Significações
15		ano, arno, asno, alno anho
16		aco, arco, anco, alco, asco
17		ago, algo [12]
18		angо, argo, asgo [12]
19		ajo, arjo, anjo, aljo
20		acho, archo, alcho [13]
21		alto, aldo, also
22		ambo, arbo, asbo, anvo, arvo, asvo
23		apo, arpo, ampo, alpo, aspo
24		abel, abil, avel, avil [14]

---

género e número das expressões. Dêste modo, por exemplo, com o signo n.º 1, cuja consoante básica, tanto pode ser *s*, como *ç* ou *z*, se escrevem as palavras, *aceso*, *orça*, *ouço*, *isso*, *uso*, etc., e o mesmo se dá com os outros signos.

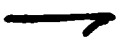
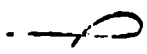
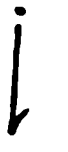
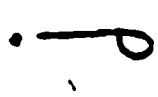
[12] Só para o som de *gue*; quando para o som de *ge*, integra-se no signo n.º 19.

[13] Também para *x*.

[14] Indiferentes as vogais, antes de *b* ou *v*; porém, entre *b·l* ou *v·l*, só são permitidas as vogais *e* e *i*, e assim os plurais terminarão sempre em *eis*.

Signos poligrâmicos finais [15]

SERIE I

N.os	Sign.	Significações
1		ade-s, dade-s, tade-s [16]
2		m e n t a · s, mente-s [16], mento-s (recta a cortar o último signo)
3		ão-s, ãe-s, õe-s, ção-s, ções [16]
4		al, el, il, ol, ul [17]
5		ar, er, ir, or, ur [18]
6		arêmos, iríamos [19]
7		íssimo [20]

III

PARTE SUPERIOR

Quinto grupo de abreviações gráficas

Signos poligrâmicos iniciais

SÉRIE II

N.os	Sign.	Significações
1		inin, indis, desin, descon, condis, incom, encon (traço sôlto em cima e no princípio do restante da palavra) [21]
2		entr-, intr-, instr-, ent-r int-r
3		destr-, distr-, dest-r
4		empr-, impr-, emp-r, imp-r, despr-, desp-r, disp-r
5		compr-, cumpr-, comp-r

---

[15] Só para o fim.

[16] Nestes poligramas, no singular e plural, as vogais que os caracterizam, não mudam. O signo *mente*, também pode ser feito vertical ou obliquo.

[17] E plurais ; *fiel*, *fieis*, etc.

[18] Só para estes significados, no singular ; a bem dizer, na prática, o signo apenas se utiliza para *ar*.

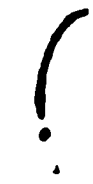
[19] Geralmente, para finais de verbos.

[20] Geralmente, para superlativos.

[21] Os signos que seguem. obedecem à mesma colocação. Os hífens dos significados exprimem que as vogais, que os acompanham nas palavras, entram nos mesmos significados.

Signos poligrâmicos finais

SÉRIE II

N.os	Sign.	Significações
1		ativo, asivo [22]
2		ático, ético, ítico, ótico, êutico [22]
3		dor, tor, sor [23]
4		atório, otário, atéria, utura [24]
5		alidade, ilidade [25]

N.os	Sign.	Significações
6		-ista [26]
7		-ismo [26]
8		grama,... grâmico [27]
9		grafo,.. ia..ico [27]
10		metro,.. ia..ico [27]
11		logo,.. ia..ico [27]

Sexto grupo de abreviações gráficas

Sincopais

XVIII — O grupo inicial *decom*, é expresso pelo sinal *d*, sôlto, no princípio, e em cima do signo que segue ao restante da palavra: *decompor*. [28]

---

[22] É o *i*, nestes significados, que os caracteriza ; portanto, não pode transformar-se noutras vogais. As outras, é que são variáveis. Também para o plural.

[23] Só para estes significados, independente de género e número.

[24] Para substantivos e adjectivos, independente de vocalização, género e número.

[25] Exclusivamente para estes significados, em que a vogal antes de *l*, é que pode variar. Também para o plural.

[26] Os hífens querem dizer que qualquer que seja a consoante que antes estiver, ela não se escreve, entrando nestes significados ; caracteriza os o *i*, que não pode converter-se noutra vogal. Para palavras de mais de duas sílabas, independente de género e número.

[27] Só para estes sufixos gregos, substantivos e adjectivos, em género e número.

[28] Por intuítivas, dispensam demonstrações sinaléticas as regras dêste grupo de abreviações. Assim, a palavra *decompor*, escrever-se-à, primeiro o *d* e por baixo dêle, o signo digrâmico *por*. Na palavra, *recôncavo*, primeiro o signo *r* e por baixo *c* ligado ao poligrama *avo*.

XIX — Os grupos iniciais *recon*, *redes*, *reen* e *rein*, expressam-se pelo signo *r*, sôlto, no princípio e em cima do restante da palavra: *recôncavo.*

XX — O grupo inicial *recém*, exprime-se pelo signo *r*, sôlto, no princípio, e ao lado do restante da palavra: *recém-vindo.*

XXI — O grupo inicial *circun-s*, traduz-se pelo signo *s*, a cortar o sinal que segue: *circunstância.*

XXII — Os grupos mediais *fic* e *lis*, são eliminados das palavras, e subentendidos pela colocação de um *ponto* na parte inferior do estenograma: *dign(ific)ar, crist (alis)ar.*

Sétimo grupo de abreviações gráficas [29]

Lineares

XXIII — Duas sílabas sucessivas, formadas por idêntico signo consonântico curvo ou misto e vogal semelhante, convertem-se numa só sílaba, escrevendo-se a única consoante em tamanho maior: *Bo(bo).*

XXIV — Igual regra se pode adoptar com os signos digrâmicos consonânticos, distinguindo-se pelo maior tamanho da curvatura do signo: *Pro(por).*

XXV — Também, quando dois poligramas variáveis de figuração idêntica se sucedem, pode usar-se êste princípio, ficando maior o signo respectivo: *mand(ando).*

Oitavo grupo de abreviações gráficas

I

Abreviaturas vocabulares [30]

Agora		Facil	
Algum..s,..a..as..em		Grande	
Como		Mesmo..a	
Depois		Não	
Dificil		Outro..s..a..as..em	
Entre		Para	

[29] Intuïtivo é igualmente êste grupo. A palavra *bobo* (reg. XXIII) fica, pois, representada apenas pelo signo *b* em tamanho maior e um *o*. Deve aplicar-se com muita parcimónia tal grupo abreviativo, pelas confusões que pode originar.

II

Abreviaturas frásicas [30]

(Ao) mesmo tempo

Não obstante

Por exemplo

Vossa Senhoria

XXVI — As abreviaturas, no geral, são constituídas por *suspensão* e *contracção;* são *comuns*, quando referidas à linguagem vulgar, *especiais*, quando de utilização restrita, e, em ambos os casos, podem abreviar quer palavras isoladas, quer frases. Numerosas nos tratados de taquigrafia, convém não abusar delas, registando-se apenas estas, como foi já dito, para simples entendimento do seu processo formativo.

---

[30] Expressões aconselhadas pelo ilustre filólogo, dr. Sá Nogueira.